

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

*S.C.
24.2031*

O Sanatório de Sant'Ana

(Fundação Chamiço Biester)

pele

Dr. Albino Máximo de Campos Soares

Médico assistente da Misericórdia de Lisboa



LISBOA - 1943

SANTA-CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

BIB. I.F.G.

O Sanatório de Sant'Ana

(Fundação Chamiço Biester)



pele

R. 155745

Dr. Albino Máximo de Campos Soares

Médico assistente da Misericórdia de Lisboa



LISBOA - 1943

DOS grandes males que afligem a Humanidade, muitos foram já resolvidos pela química e pelo laboratório.

Para a tuberculose, porém, apesar da pertinácia de alguns investigadores, ainda não foi encontrado remédio eficaz. Por isso, os homens de ciência apoiados nos factos, lançaram os olhos para a natureza no sentido de lhe aproveitar ao máximo de seus benefícios — o sol, o ar, a luz, o mar, a altitude.

E assim, surgiram em todos os países civilizados do mundo — os Sanatórios.

Entre nós, foi o grande Mestre Sousa Martins — uma das maiores figuras da Medicina Portuguesa —, o iniciador da luta contra a tuberculose. Viajando pelo estrangeiro, aonde visitou os principais sanatórios da época, trouxe para Portugal as idéias directrizes da cura sanatorial.

Percorreu o País em tôdas as direcções, escalou montanhas e abeirou-se das orlas marítimas, na sacrosanta cruzada de instalar os primeiros postos de combate.

E foi assim que um dia chegou a esta região, onde se encontrava o, então muito jovem, Dr. Francisco Rompana que o acompanhou e guiou pelas arribas do mar até ao sítio denominado a Fonte das Taínhas.

A situação do terreno, junto de praias com excepcional riqueza em algas marítimas, abrigado do Nordeste, e recebendo os primeiros e últimos raios solares, encantaram o grande Mestre.

Entre os seus clientes e amigos, contava Sousa Martins os esposos Biester — D. Amélia Biester e Frederico Biester — pessoas de coração e avultada fortuna.

D. Amélia, Senhora de grandes virtudes e a quem a tuberculose tinha roubado uma irmã em plena pri-



D. Amélia Biester

mavera da vida, ouvindo o Mestre logo pensou em fazer construir, à sua custa, um sanatório para crianças «fracas e enfezadas». E como era de esperar, foi Sousa Martins encarregado da direcção das obras e da escolha de local que logo recaiu em Parede, nesse tempo pequena povoação, e no sítio onde tempos antes

linha trocado impressões com o seu colaborador Dr. Francisco Rompana.

Adquirido o terreno, foi o primeiro projecto do edificio elaborado pelo ilustre professor da *Academia das Belas Artes*, José António Gaspar.

Entretanto, não faltaram más vontades e resistência contra esta humana e arrojada iniciativa. Aos habitantes do concelho e às próprias municipalidades, parece que os assustava a idéia dum sanatório para doentes... E aquilo que deveria ser motivo de orgulho e de reconhecimento da parte dos naturais pela importância que daria à região, só muito mais tarde, foi devidamente compreendido.

Logo após estas primeiras contrariedades e ainda com a idéia em mente, Sousa Martins foi colhido pela morte. Então, os esposos Biester convidaram um outro célebre médico da época — o Dr. Manuel Bento de Sousa — para o substituir. A idéia porque era grande tinha de continuar... Mas pouco tempo depois o Dr. Manuel Bento de Sousa morria também.

Houve um momento de pânico e até de superstição e antes que um outro médico fôsse convidado, a morte abeirou-se do leito de Frederico Biester e poucos meses depois do de sua espôsa, D. Amélia Biester.

Fêz-se uma pausa desoladora. O próprio architecto, professor Gaspar, impressionado, abandonou a obra.

D. Amélia, que não teve tempo para determinar por testamento os seus desejos, pediu a sua tia e herdeira D. Claudina de Freitas Chamiço, para ser a continuadora da idéia.

D. Claudina chamou então para auxiliar o seu ilustre amigo e médico da família Dr. Gregório Fernandes, um grande nome da cirurgia portuguesa.

(Em homenagem à sua memória e como prova de reconhecimento, D. Claudina mandou colocar o seu retrato no lugar de honra desta casa).

Foi ainda sob grande consternação pela perda dos entes queridos que D. Claudina acompanhada do Dr. Gregório Fernandes, Dr. Francisco Rompana, Dr. Almeida Ribeiro (que foi depois o primeiro Director Clínico dêste sanatório e que só o abandonou quando atingido pelo limite da idade) de várias entidades ofi-

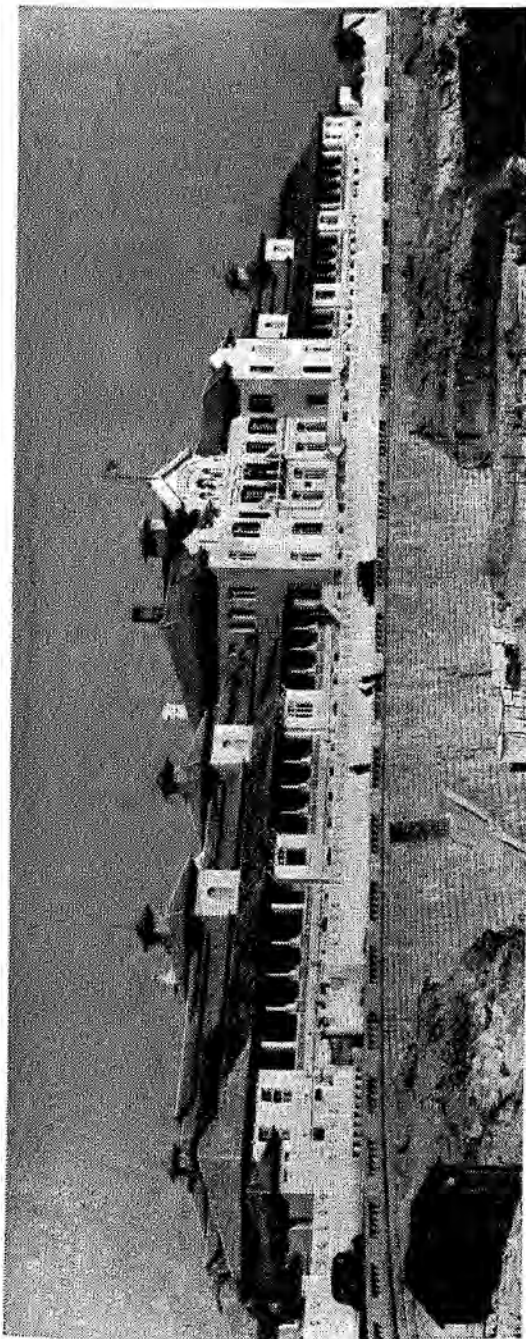
ciais e muitas pessoas ilustres, assistiu no dia 7 de Agosto de 1901 ao lançamento da primeira pedra. (Desta solenidade foi lavrado um auto que V. Ex.^{sa} poderão vêr na secretaria d'este sanatório).

O edificio foi construido sob a direcção do illustre architecto Rosendo Carvalheira que, além de algumas modificações feitas na primitiva planta, lhe introduziu aperfeiçoamentos de carácter higiénico, muito modernos



D. Claudina de Freitas Chamiço, assistindo ao lançamento da 1.^a pedra

para a época. Mede 176 metros de comprimento na frontaria anterior e 150 na frontaria posterior. De imponentes linhas architectónicas, possui vastas salas, longos e espaçosos corredores, alegres e assoalhadas galerias. São famosas as suas abóbadas muito abatedas, construidas em tejo, por operários vindos de Setúbal. Na Capela, que é uma pequena jóia de architectura, podem V. Ex.^{sa} admirar belas obras de arte, baixos-relêvos, imagens, talhas e vitrais.



Vista geral do Sanatório

O Sanatório de Sant'Ana, sem dúvida o monumento mais grandioso que podia ser erigido à memória dos dois generosos esposos iniciadores desta obra, foi inaugurado no dia 31 de Julho de 1904. D. Claudina de Freitas Chamiço — sua instituidora — que veio a falecer em 8 de Julho de 1913, legou-o à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, por ser a instituição que pela sua respeitabilidade, antiguidade e garantia de duração, mais própria lhe pareceu receber este precioso legado.



Uma galeria de cura

Além do prédio e seus anexos, deixou ainda a quantia de 600 contos em papéis de crédito averbados à Misericórdia com o encargo de ser o seu rendimento aplicado à sustentação do sanatório.

Depois da sua morte o governo do sanatório foi desempenhado por uma comissão de 7 membros composta por Sua Eminência o Senhor Cardinal Patriarca de Lisboa, o Senhor Provedor da Santa Casa da Misericórdia, uma pessoa de família, um membro nomeado

pela Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa e mais três membros escolhidos pelo 1.º membro da comissão e pelo presidente.

Destinava-se este estabelecimento a receber três grupos de doentes :

60 crianças do sexo feminino com linfatismo ou tuberculoses ósseas ou da pele :



D. Amélia de Carvalho, actual representante da família da Instituidora

20 indivíduos do sexo masculino com lesões cardio-vasculares ;

20 indivíduos do sexo feminino com qualquer manifestação cancerosa.

Por vontade da fundadora os serviços internos desta casa estiveram sempre a cargo de religiosas católicas.

A educação religiosa das crianças mereceu à fundadora uma particular atenção.

Faz parte do pessoal superior do sanatório um capelão, cujo lugar é actualmente desempenhado por Monsenhor Fonseca.

Nêstes moldes funcionou durante muitos anos o sanatório, dispensando largamente a sua assistência.

Após a guerra a que chamaram grande antes de haver esta, e em consequência da desvalorização da moeda, o sanatório entrou em crise financeira que atingiu o momento mais crítico no ano de 1924, baixando nesta data para menos de 1 dezena o número de crianças internadas. Nos anos seguintes passou o sanatório a viver de soluções ocasionais — produtos de festas, subsídios...

Embora a fundadora tivesse deixado bem expresso o desejo de que o sanatório nunca se tornasse um encargo para a Santa Casa, foi deliberado pela Comissão Administrativa, em 1927, entregar a gerência da instituição à Misericórdia de Lisboa.

Finda a primeira parte da sua história e sobre o impulso organizador da Misericórdia, o sanatório entrou em vida nova. Encheram-se as enfermarias de crianças, fizeram-se obras de conservação e montaram-se as salas de raios X. e agentes físicos.

Um ou outro parágrafo do testamento de D. Claudina Chamiço teve que ser alterado, estando nós certos de que, se a fundadora fôsse viva teria sido ela própria a fazer essas modificações impostas pelas circunstâncias e pelas transformações da assistência que neste meio século tanto evolucionou.

Nas disposições gerais, nada foi alterado. A Misericórdia considera-se e muito justamente, fiel cumpridora do legado de D. Claudina Chamiço.

Novamente, mercê da boa vontade e larga compreensão da actual *Provedoria*, o sanatório vai sofrer grandes obras e remodelações, uma verdadeira actualização. Não se trata de aspectos isolados, mais ou menos caprichosos, mas duma orientação sistemática, duma integração num plano mais vasto de assistência social.



OFICINAS GRÁFICAS
CASA PORTUGUESA
R. DAS GÁVEAS, 103
L I S B O A